

SENTIDO(S)/SIGNIFICADO(S) DO CORPO

CECCO, Luciana Homrich de¹
POZZOBON, Maria Elizete²

RESUMO

Por entendermos que a compreensão de corpo encontra-se vinculada à estruturação e organização de cada sociedade, ou seja, ao sistema sócio, político, econômico e cultural que as constitui, é nossa intenção com este estudo, contribuir com reflexões acerca do(s) sentido(s)/significado(s) do corpo. Para desenvolvê-lo optamos por, num primeiro momento, percorrer o passado, enfatizando as diferentes compreensões de corpo que marcaram os momentos históricos até chegarmos ao contexto atual. Em continuidade, apresentamos uma reflexão sobre a forma, funções e compreensões adotadas para o corpo na atualidade, para finalmente, apontarmos alguns caminhos, que na nossa opinião poderão superar esta realidade desumanizante, vivenciada hoje pelos seres humanos. Concluindo, apontamos a necessidade de repensar o corpo enquanto corporeidade, buscando caminhos no sentido da construção coletiva de uma compreensão de corpo que tenha como objetivo superar esta realidade que o pensa como instrumento, máquina e mercadoria.

Unitermos: educação física, corpo.

ABSTRACT

THE SEANS/MEANING OF THE BODY

In this article an attempt is made at the philosophical understanding of the links between the human body and the culture of a society. We believe that the composition of a society, politically, sociologically and economically not only frames the culture but also influences the bodies understanding of the people living in that society. This study reflects our endeavours to trace the development of the human body by looking at the historical aspects and tracing it to the present moment. As a result of this investigation we present our reflections on the form, function and understanding of the body at the present time. We have studied the realities of today and suggest some ways in which some kind of improvement may be made. Our main

¹ Mestranda do PPGCMH/CEFD/UFSM
² Mestranda do PPGCMH/CEFD/UFSM

conclusions are that we need to think of the human body as totality. We need to search for ways to change how people look upon and think about the body, to change this reality that thinks him as instrument, machine and merchandise.

Uniterms: physical education, body.

INTRODUÇÃO

Por vivenciarmos uma realidade onde somos identificados num primeiro momento por informações que se reduzem a aspectos físicos do sujeito, diferenciando-o frente a um grupo, podemos considerar, que o corpo, enquanto forma do homem se fazer presente no mundo, tornou-se fundamental no processo de compreensão e construção da identidade humana. Referindo-se a isto, Bock et al. entende a identidade enquanto:

“uma denominação dada às representações e sentimentos que o indivíduo desenvolve a respeito de si próprio/mesmo, a partir do conjunto de suas vivências. Compreendendo o homem como totalidade que busca captar a sua singularidade nas relações com o outro. Diante disto, o reconhecimento do “eu” se dá no momento em que aprendemos a nos diferenciar do(s) outro(s)” (1996, p.213).

É nesse processo de convivência e identificação consigo e com os outros que o ser humano, enquanto parte integrante de uma sociedade, exerce influência no processo de construção da mesma, ao mesmo tempo em que é influenciado por ela nas suas formas de interagir com o universo. Pelo fato da ordem social que rege as relações estabelecidas entre os homens ter-se voltado cada vez mais às questões objetivas e materiais, podemos dizer que existe uma limitação na(s) maneira(s) do ser humano expressar-se no/com o mundo. Desta forma, a compreensão de corpo encontra-se vinculada à estrutura e organização de cada sociedade, ou seja, ao sistema sócio, político, econômico e cultural que as constituem.

Segundo Berger/Luckmann:

“Embora seja possível dizer que o homem tem uma natureza, é mais significativo dizer que o homem constrói sua própria natureza, ou, mais simplesmente, que o homem se produz a si mesmo em interação com a natureza. Portanto, a formação do “eu”, deve também ser compreendida em relação com o contínuo desenvolvimento orgânico e com o processo social.”(1990, p.72,73)

A medida que este processo social foi tornando-se mais complexo em relação as suas estruturas (socio-político-econômicas), o ser humano diante da necessidade de “adequar-se” a estas, distanciou-se cada vez mais da sua capacidade sensível e perceptiva, ocasionando também, um distanciamento do seu corpo que parece apresentar limites e abstenções em suas formas de “sentir, pensar e agir”⁴.

Partindo de tais pressupostos, este trabalho tem como característica a utilização da reflexão filosófica enquanto denúncia das formas como o corpo foi e vem sendo tratado nas diferentes culturas. Pois no nosso entender, torna-se fundamental a presença da filosofia no contexto atual, percebendo a mesma no sentido apresentado por Santin onde:

“constitui-se enquanto indagações sobre as possíveis significações e intencionalidades a serem detectadas, seja enquanto são intenções e sentidos do autor, seja enquanto são intenções e sentidos despertados no leitor. É questionamento como exercício da suspeita, da denúncia e da desmistificação”
(1987, p.17)

É nossa intenção com este estudo, enquanto profissionais preocupados com a realidade da Educação Física, contribuir com reflexões acerca do(s) sentido(s)/ significado(s) do corpo. Entendemos por sentido a percepção que o sujeito tem/constrói, em relação aos objetos/ações/sujeitos, no que diz respeito as funções que os mesmos desempenham no momento e ocasião da relação estabelecida com o meio. Enquanto que significado refere-se aquilo que define o(s) objeto(s) socialmente, ou seja aquilo que ele é enquanto construção social.

Por entendermos que estes sentidos/significados do corpo, foram e são construídos em diferentes culturas e épocas históricas, na tentativa de provocar discussões e debates referentes a prática pedagógica dos profissionais que trabalham junto a área da Educação, apresentamos algumas reflexões:

Ao encontrarmos-nos em uma época onde o homem luta por sua totalidade, como podemos compreendê-lo enquanto corpo-objeto? Como falar em corporeidade quando, segundo Santin (1992) os princípios que regem o organismo vivo e, em especial, o organismo vivo humano, são relegados a um segundo plano e as leis da vida precisam ser submetidas às leis da ciência? Como ser sensível diante de uma realidade que se faz insensível às questões humanas (sensibilidade, desejo, interesse, vontade...), relegando o corpo a uma máquina cujo mecanismo funciona a partir de forças externas ao próprio sujeito?

⁴ Expressão utilizada por Gonçalves (1994), na obra que aborda o termo corporeidade.

Observando as relações presentes na sociedade atual, podemos constatar que atuamos sobre os corpos ora para neutralizá-los (no momento em que parecem estar criando vida própria), ora para sublimar suas potencialidades (cognitivas e físicas), quando necessitamos de seus serviços para apresentar um bom desempenho. Na opinião de Santin (1998), como primeiro passo a ser dado é preciso saber qual o lugar destinado ao corpo pela humanidade como um todo, por cada indivíduo particular e pelo projeto social, principalmente quando, constatações nos alertam para o fato de que a chegada à escola nos temas da corporeidade seja, talvez, o último espaço a ser acordado frente ao que está significando o corpo neste final de século. Fato que nos conduz a estas e outras reflexões, principalmente quando passamos a refletir a compreensão que temos de corpo, e aquela que tem norteado nossa prática pedagógica, uma vez que tentamos nos afastar o máximo dele, apesar deste ser o ponto de partida de todo o processo existencial.

Considerando isto, organizamos este estudo no intuito de colaborar com os profissionais da Educação Física, quanto a formas de reflexão e possível atuação junto ao contexto. Alertando para alguns pontos extremamente importantes que, na nossa opinião, não podem ser esquecidos quando abordamos a corporeidade, principalmente no que se refere a compreensão de Homem, Mundo, Sociedade, Educação e Educação Física.

Para desenvolvê-lo optamos primeiramente por percorrer o passado através da história, dando ênfase as diferentes compreensões de corpo que marcaram alguns dos momentos históricos, até chegarmos ao contexto atual. Não nos esquecendo que tais compreensões encontravam-se norteadas por pensamentos filosóficos e por concepções sociais que tiveram grande representatividade em nossa cultura ocidental.

Em continuidade, apresentamos uma reflexão sobre as formas, funções e compreensões adotadas para/pelo corpo na atualidade, para finalmente apontarmos alguns caminhos que na nossa opinião, poderão superar esta realidade desumanizante vivenciada pelos seres humanos.

Ao concluirmos, apontamos a necessidade de repensar o corpo enquanto corporeidade, buscando caminhos no sentido de uma construção coletiva de uma compreensão de corpo que tenha como objetivo, superar esta realidade que o pensa como instrumento, máquina e mercadoria.

REFLETINDO O CORPO ATRAVÉS DA HISTÓRIA

Por entendermos que “o corpo não é somente a expressão biológica do nosso ser atual, mas a expressão significativa da sua história entre outros corpos” (Almeida apud Guedes, 1995, p.04), faz-se necessário, antes de tentarmos compreender as manifestações do corpo na atualidade, uma busca na história passada

que possa esclarecer alguns pontos abordados pela modernidade. Afinal, porque somos o que “somos” hoje? E ainda, “o que somos”?

O movimento da história como totalidade não se deve exclusivamente a idéias/pensamentos desligados da vida social e nem de uma sociedade desligada de idéias/pensamentos, pois a sociedade é composta de homens e estes possuem idéias e formas de pensar que são enfatizadas em um determinado contexto social. Somos da opinião que somente se pode compreender o processo histórico, se compreendermos o(s) ser(es) humano(s) que o constrói e vice-versa. A partir disto, devemos considerar a existência de uma relação recíproca entre homem e mundo, fazendo com que o processo de construção social dependa da forma de existir do homem. Pois como o homem existe mediante a condição de estar incluso em um sistema/contexto pelo qual é influenciado, também exerce grande influência sobre o mesmo.

O ser humano desde o início da sua existência, apresentou diferentes formas de compreender o seu corpo e o corpo de seus semelhantes. Isto correspondeu a cada momento histórico, acompanhando as diferentes culturas características a cada um desses momentos. Além disto, podemos dizer que as sociedades sempre construíram seus corpos e estes sempre as representaram, seja pelas características físicas, atitudes, formas de se portar ou pela linguagem. Referindo-se a isto, Gonçalves nos diz que

“ao longo da história humana, o homem apresenta inúmeras variações na concepção e no tratamento de seu corpo, bem como nas formas de comportar-se corporalmente, que revelaram e revelam as relações do corpo com um determinado contexto social” (1994, p. 14).

Introduzindo a contextualização passada, iniciaremos pela época primitiva, onde o corpo manteve uma relação direta com o meio no qual encontrava-se inserido. Uma relação harmônica que caracterizava a necessidade de subsistência humana que pudesse garantir a sua sobrevivência. Segundo Gonçalves *“a dependência do homem primitivo em relação à natureza trouxe uma identificação com esta, que fez com que ele lhe atribuísse qualidades humanas”* (1994, p.13). Nesta época, todos os acontecimentos importantes eram celebrados com intensa participação corporal, manifestada através das pinturas e tatuagens no corpo, nas danças e nos rituais que expressavam suas emoções e sentimentos místicos e guerreiros.

Porém, foi nesta relação homem-natureza que o ser humano passou a reconhecê-la e posteriormente, exercer um certo domínio sobre a mesma. Mediante o desenvolvimento de seus sentidos e capacidades perceptivas o homem foi capacitando-se para superar suas fraquezas diante dos fenômenos naturais. Este fato contribuiu significativamente para um distanciamento do homem de seu meio, instituindo outro

sentido/significado a esta relação.

O aspecto econômico que marcou a época primitiva caracterizou-se pela busca de meios de subsistência pelos grupos, além das constantes mudanças de região. A proporção em que, numa determinada região esgotavam-se os recursos naturais, ou não eram mais oferecidas as condições suficientes para sobrevivência do povo, o primitivo, que já havia desenvolvido o seu instinto guerreiro frente aos animais ferozes, utilizava-se do mesmo contra os povos mais fracos, apoderando-se de seus rebanhos, de sua produção e de suas riquezas.

Desta forma, o caráter guerreiro surge imposto pelas necessidades de sobrevivência, mantendo-se em várias épocas da vida humana até os dias de hoje, onde em alguns casos, modificou-se em seu(s) sentido(s) .

Dirigindo-nos a Idade Média onde destacaram-se os povos Gregos, Romanos e Bárbaros, não poderíamos deixar de parar por aqui já que, na História da Educação e da Educação Física, estas civilizações constituíram-se um marco fundamental da história.

A história da Grécia nos mostra que este povo cultuou a Educação Física, mediante a realização dos Jogos Olímpicos onde, paralelamente a cultura artística e literária, atingiu seu esplendor. O povo grego possuía a crença de que os Jogos Olímpicos haviam sido criados pelos Deuses que muitas vezes baixando do Olimpo à terra, competiam com os homens e nem sempre eram os vencedores.

Para esta civilização a crença no poder divino: DEUS era o que orientava suas ações. Segundo Escobar “*se um homem grego podia vencer um Deus, podia ser conseqüentemente, considerado mais do que um homem, mas um semi – Deus, um herói*” (1958, p.259).

A partir disto, surge o maior desejo do grego: tornar-se semideus. Como conseqüência disto uma dicotomia (corpo x alma) passou a nortear esta época, onde o corpo deveria manter-se forte e robusto a fim de provar sua superioridade diante das forças espirituais que tentavam dominá-lo, sendo compreendido enquanto o cárcere da alma, que partia em busca de Deus.

Segundo Assmann (1993) a compreensão de corpo desta época podia ser definida através da metáfora “Jardim Fechado”, pois o homem era compreendido como um ser dicotomizado, onde seu corpo representava o verdadeiro sentido de ser perigoso e tentador, devendo permanecer fechado para as delícias dos prazeres e dos desejos da carne.

A dedicação quase exclusiva do povo grego às atividades físicas orientada ao endeusamento, robustez e exibição, deixou-os a mercê dos ataques de outras civilizações. Mesmo tendo defendido a sua independência e alcançado brilhantes vitórias, a Grécia acabou sendo reduzida à província de Roma. A partir desta nova realidade, os jogos já deturpados, passaram a constituir-se enquanto programas de

divertimento. Os atletas, cultuados na Grécia, foram relegados a gladiadores que, na arena matavam-se uns aos outros, servindo de espetáculo à aristocracia, habituadas ao luxo, e ao povo que assistia os rituais sangrentos.

Em consequência disto, Roma teve sua civilização fortemente influenciada pela mitologia Grega, fato este que fortaleceu a visão de corpo que já vinha reforçando a dicotomia entre cultura do corpo e do espírito.

Segundo Escobar "*para os Romanos seu único objetivo e ideal era a grandeza da pátria*" (1958, p.351). Nenhum dever era mais elevado do que a formação de cidadãos robustos, entrepidos e resistentes para a guerra, excluindo, neste contexto, a palavra estética, harmonia e beleza, presentes na cultura grega.

Tais transformações, foram muito importantes para a formação do Sistema Feudal, que surgiu do desaparecimento das cidades e do comércio, enfatizando a atividade agrícola. Fato esse que transferiu o centro de vida da Europa para os latifúndios, contribuindo para reforçar a dicotomia do homem em corpo e alma quando este era unicamente valorizado pela sua estrutura física e força de trabalho braçal.

Nestes séculos foram vários os movimentos que influenciaram o pensamento da época. Entre esses podemos citar o Renascimento, que mesmo tendo suas raízes na Europa, teve seus princípios espalhados pelo mundo. Além disso, foi fortalecido pelo movimento do Humanismo, que contribuiu para superar a visão teológica do homem substituindo-a pela visão antropológica onde o homem não poderia ser mais visto enquanto criação divina, mas como um ser material.

Durante este período a compreensão de corpo era fortalecida através das pinturas e esculturas presentes nesta época, sugerindo o culto ao corpo belo, onde beleza era sinônimo de ostentação.

Em meio a este contexto, a corrente empirista ganha vida e acentua-se, fortalecendo a dissociação entre corpo e alma que se tornaram objeto de diferentes ciências. A alma perde seu conceito de força vital que dá vida ao movimento e ao corpo, e o corpo é enfatizado enquanto uma máquina que age a partir de estímulos externos, tendo reduzido seus fenômenos em mentais e físicos. Segundo Locke apud Gonçalves, "*o corpo é reduzido a um instrumento do espírito*" (1994, p.50).

A partir desta época o Homem passa a definir a razão como único instrumento válido do conhecimento, distanciando-se cada vez mais do seu corpo e das relações mantidas com o mesmo. O ser humano passa a ser tratado como objeto submetido ao controle e a manipulação científica. Com o surgimento da corrente filosófica denominada Positivismo, que somente admitia como possibilidade de conhecimento, aquele oriundo das ciências experimentais, o corpo passa a ser visto como uma massa viva constituída de substâncias empíricas a serem estudadas. Para Gonçalves, "*com a visão positivista o mundo físico, observado e mensurado, tornou-se a única realidade*" (1994, p.20).

Segundo a autora acima citada:

“Na história do pensamento filosófico, a problemática do homem e do seu mundo oscilou sempre entre dois pólos: O corpo e a alma, o conhecimento sensível e o conhecimento inteligível, o mundo da matéria e o mundo do espírito, a vida terrena e a vida ultraterrena” (p.41).

Para nos referirmos a isto não poderíamos deixar de nos reportar as contribuições e influências de alguns pensadores que tiveram grande parcela no processo de construção do conhecimento e na forma de compreensão dos corpos ao longo da história. Mediante uma breve explanação podemos nos referir a:

Sócrates (século V a.C.) proclama a razão do homem para transcender às condições exteriores e encontrar o verdadeiro sentido das coisas.

Platão (séculos V e IV a.C.) instaura no pensamento filosófico a ruptura entre o sensível e o inteligível. Considera o corpo como o cárcere da alma.

Aristóteles (século IV a.C.) parte do pressuposto de que a alma é a forma do corpo e o corpo é a sua matéria.

Santo Agostinho (séculos IV e V) diz que o homem é uma mistura de corpo e alma, onde a alma está atenta ao que se passa com o corpo. É o responsável por levantar os germes do interesse filosófico pela subjetividade. Segundo Santin (1987) na opinião deste filósofo, somente o controle sobre o corporal possibilita uma maior liberdade do espírito.

São Tomás de Aquino (século XIII) apresenta uma compreensão de homem enquanto uma unidade substancial de corpo e alma. Temos em São Tomás a afirmação mais veemente da união entre corpo e alma, onde ele vê o corpo como presença na própria constituição da pessoa. Referindo a este pensador podemos dizer que

“a alma, como forma do corpo, seria ao mesmo tempo entendimento, isto é, possuiria uma faculdade e operação na qual não participa de modo algum a matéria corporal e também ao mesmo tempo força vital fisiológica, princípio da energia e movimento do corpo” (Gonçalves, 1994 p.46).

Bacon, pensador do início da era moderna, foi o precursor da corrente empirista reforçando a valorização do trabalho e considerando o homem como ser sensível e corpóreo, onde faz-se clara e acentuada a dissociação entre o corpo e a alma.

Rousseau foi um dos pensadores mais notáveis do século XVIII. Resgatou

o homem como ser corpóreo e possuidor de necessidades e sentimentos. Para este pensador o homem não é por natureza um ser social, mas por sua fragilidade corporal. Com a convivência o mesmo foi aperfeiçoando sua razão e transformando seus sentimentos, até gerar as desigualdades sociais. Inicialmente era puro e amoroso e com o tempo tornou-se egoísta e indiferente.

Kant (século XVIII), embora inspirado no pensamento de Rousseau, difere deste em um ponto fundamental. Enquanto Rousseau via a importância dos sentimentos e das relações afetivas, Kant descartava a afetividade e colocava desde o início a educação sob o signo do esforço e do trabalho, dando mais importância à disciplina do que a instrução. Porém ele trouxe uma nova compreensão da problemática corporeidade humana. Segundo Gonçalves (1994), na concepção deste autor, o corpo não é, assim, uma máquina que reage mecanicamente a forças internas ou externas, mas ao entrar em contato com o mundo, está impregnado da subjetividade do ser, que no processo de conhecer acaba por criar esse mundo.

Para Kant, a filosofia deve se preocupar em responder três questões: O que eu sei? O que devo fazer? O que me cabe esperar? No entanto as respostas para a segunda e terceira perguntas dependem da primeira. Na opinião deste pensador, o nosso dever e o nosso destino podem ser determinados somente depois de um profundo estudo do conhecimento humano. A partir disso, propõe-se a conciliar as principais correntes do século XVIII, que são o realismo e seu oposto idealismo; o racionalismo e seu oposto empirismo. Porém, em sua filosofia, reformulou o racionalismo, ao demonstrar que o conhecimento *a priori*, próprio da razão pura, pode originar-se também da experiência, isto porque a experiência envolve elementos de intuições puras. Contrapondo-se também ao realismo, ao olhar o mundo material como fruto da intuição sensível, onde os objetos não tem existência.

Segundo Chauí:

“Para Kant, jamais poderemos saber se a realidade em si é espacial, temporal, causal, qualitativa, quantitativa. Mas sabemos que nossa razão possui uma estrutura universal, necessária e a priori que organiza necessariamente a realidade em termos das formas da sensibilidade e dos conceitos e categorias do entendimento” (1997, p. 79).

Hegel (séculos XVIII e XIX) abriu caminho para o pensamento de realidades até então parcialmente ignoradas pelos estudiosos da sua área. A problemática da corporeidade, a partir de então, passa a ser alvo do pensamento filosófico que volta-se para o homem como ser real, vivendo em um mundo concreto que considera suas ações.

Referindo-se a este filósofo, Chaui nos alerta para o fato de que

“a unidade ou harmonia entre o objetivo e o subjetivo, entre a realidade das coisas e o sujeito do conhecimento não é um dado eterno, algo que existiu desde todo sempre, mas é uma conquista da razão e essa conquista a razão realizada no tempo. A razão não tem como ponto de partida esta unidade, mas a tem como ponto de chegada, como resultado do percurso histórico ou temporal que ela própria realiza” (1997, p.81)

Marx (1818-1883). Filósofo Alemão, revolucionou a forma do homem ver o mundo e a si mesmo, onde a consciência está imersa na concretude da vida corpórea e é explicada a partir das contradições da vida material. Corpo e trabalho para Marx mantêm uma relação entre si, onde o trabalho criativo humaniza o corpo humano. Além disto, as mãos transformam a matéria ao vencer sua resistência, proporcionando um significado humano. O trabalho revela assim a unidade do homem no pensar e no agir transformador do mundo. Portanto, esta humanização do homem se dá através de sua atividade produtiva.

Para Marx, segundo Gonçalves *“não é apenas em pensamento, mas por intermédio de todos os sentidos que o homem se afirma no mundo objetivo”* (1994, p.60).

Merleau-Ponty (1908-1961) possibilitou para a Educação Física uma visão de corpo e de movimento integrada a totalidade. Segundo Gonçalves (1994), considerando que a reflexão nunca abarca a realidade em sua totalidade, sempre havendo possibilidades de outras interpretações, de outros significados, este, busca a compreensão do homem de forma integral, onde homem é um ser-no-mundo e só pode ser compreendido a partir de sua facticidade (caracter próprio da condição humana pelo qual cada homem se encontra sempre já comprometido com uma situação não escolhida).

A unidade do homem é o ponto central na teoria de Merleau-Ponty. Ele compreende este (homem) como um todo, apreendido a partir do seu próprio modo de ser do homem e pela maneira como cada um se percebe a si mesmo. Além disso, Merleau Ponty descreve a presença do homem como corporeidade, não enquanto a redução do homem ao conceito de corpo material, mas enquanto fenômeno corporal que se faz valer de expressividade, palavra e linguagem. (Santin, 1987).

Santin referindo-se ao “homem enquanto um ser que se move” utiliza-se de um pensamento de Merleau Ponty (1964) através das seguintes palavras:

“é a corporeidade que se torna palavra. É o gesto que é linguagem sem possibilidade de se desvincular o movimento gestual do significado, assim como é impossível separar a melodia dos sons em uma sinfonia” (1987, p. 79).

A partir disto, o homem/corpo não pode ser mais pensado enquanto objeto/máquina, mas *“enquanto movimento, que se torna gesto, o gesto que fala, que instaura a presença expressiva, comunicativa e criadora”* (Santin, 1987, p.26).

Analisando o processo histórico da construção do corpo, podemos perceber que ao longo da civilização, o homem foi se distanciando de sua capacidade de percepção sensorial, adquirindo um controle cada vez maior sobre o seu corpo. Passando assim, a limitar a sua capacidade de “se-movimentar” (veja compreensão logo abaixo), utilizando-se de formas padronizadas e pré determinadas pela ordem social. Voltou-se a comportamentos e hábitos regrados e regulados pelo sistema, orientados por funções específicas e mecânicas no intuito de aumentar a produção que caracteriza a sociedade capitalista.

A partir da fenomenologia, o movimento é compreendido

“enquanto forma de expressão do ser humano. Sendo este histórico e contextualizado, ou seja, que mantém uma relação com o ator (sujeito/homem) e com a situação onde este encontra-se inserido. Além disto, o se-movimentar possui uma intencionalidade e um sentido/significado intrínsecos ao ser humano que se movimenta.” (Buytendijk apud Trebels, 1992).

Neste momento pretendemos introduzir uma reflexão sobre que concepção de corpo queremos propor para nossos alunos, e se nossa prática está diretamente ligada ao homem/sujeito que intencionamos orientar em seu processo de formação. Para isso sugerimos as seguintes perguntas:

- Que corpo a sociedade tem priorizado?
- Que corpo nós estamos adotando?
- Que corpo ou homem estamos privilegiando em nossas aulas?
- Quais as concepções de mundo, sociedade, educação, ser humano e corpo estão permeando a nossa prática pedagógica?
- Temos clareza destas questões?

ATUALIDADE, REFLEXO DE CONSTRUÇÕES PASSADAS

Ao realizarmos um estudo do corpo na atualidade, não podemos deixar de considerar as relações de poder, as políticas de mercado e outros fatores, que estão contribuindo para reforçar a dicotomia corpo x mente estabelecida ao longo dos anos.

A era da tecnologia marca profundamente uma nova compreensão de corpo que tem seu reflexo na sociedade, no sentido de que para sobreviver, necessitamos de seres humanos competentes para programar e manobrar as máquinas que, a cada dia, vem substituindo o trabalho humano. Neste contexto, o corpo humano é relegado a um segundo plano, ao passo que a mente é supervalorizada enquanto alvo da atividade científica.

Na opinião de Gonçalves:

“no trabalho a manipulação do corpo foi, progressivamente assumindo proporções cada vez mais graves, com a expansão do sistema capitalista e com o desenvolvimento da tecnologia, onde os movimentos corporais tem se tornado cada vez mais instrumentalizados” (1994, p. 17).

Tomando como base as colocações da autora, podemos dizer, que a indústria com vistas a um aumento da produção acaba dissociando os movimentos corporais.

A atividade científica, com seus instrumentos empíricos e quantificáveis, desconsidera as questões da subjetividade humana, que por motivos palpáveis, não podem ser quantificadas e mensuradas matematicamente ou fisicamente. Desta forma, na opinião de Assmann (1993), a redução de uma interpretação do corpo a partir de marcas, imagens externas do ser humano, não revela o que são os corpos, mas sim, o retrato da sociedade a qual pertencem ou pertenceram.

O corpo tem seguido involuntariamente os ritmos impostos pelo progresso, inventando formas de sobrevivência e adaptando-se aos conceitos de cada época. Segue modelos e é produto do marketing, da performance, da empresa, da mídia, entre outros.

Na opinião de Assmann, *“a racionalidade produtivista não respeita a vitalidade expansiva e natural da corporeidade viva. Seu modelo é o do direcionamento e controle do corpo”* (1996, p.45).

Para este autor (1996), neste processo de produção existe uma grande influência dos meios de comunicação de massa, os quais se utilizam da imagem enquanto uma das formas de transmitir a ideologia dominante e fazer com que os

homens experimentem uma saturação de signos sobre acontecimentos corporais de toda a índole. Estes signos nos conduzem ao corpo que devemos ter e devemos desejar. Fato que contribui para a indiferença emocional, no momento em que o corpo que temos não é um produto intrínseco ao ser, mas uma construção extrínseca e cultural. Nossos desejos, sensações, interesses e necessidades não passam de construções sócio-culturais que possibilitam a nossa identificação com aquilo que a sociedade deseja que sejamos.

Através destas considerações, podemos perceber a preocupação de alguns autores ao apresentarem reflexões que dizem respeito a compreensão de corpo-objeto que a sociedade insiste em cultivar e moldar. Segundo Santin:

“o homem contemporâneo continua perguntando-se pelo significado de ser humano ou de ser mais humano. Portanto, a perseguição da plenitude do humano do homem parece continuar sendo o grande sonho de cada indivíduo e de toda a humanidade, ainda que os caminhos percorridos sejam tão descontraídos e, muitas vezes, contraditórios” (1994, p.09).

Para este mesmo autor, “desde que a racionalidade tornou-se a única maneira respeitada das manifestações do homem, o brinquedo foi banido para os espaços periféricos da existência humana” (1994, p. 13) No nosso entender, não só o mundo do brinquedo, salientado naquele momento pelo autor, mas também o mundo dos desejos, dos prazeres, dos interesses próprios, foram banidos.

Para Capra (1982),

“nos últimos trezentos anos, em nossa cultura, adotou-se a concepção de corpo humano como uma máquina, a ser analisado em termos de suas partes. A mente e o corpo estão separados ... Essa concepção agora está sendo lentamente eclipsada por uma concepção holística e ecológica do mundo, que não considera o universo uma máquina, mas um sistema vivo; essa nova concepção enfatiza a inter-relação e interdependência essenciais de todos os fenômenos e procura entender a natureza não só em termos de estruturas fundamentais, mas também em função de processos dinâmicos subjacentes.”

Como conseqüência, constatamos que nossos conhecimentos da corporeidade humana são limitados, talvez profundamente mascarados e deturpados. Devido a estes fatores, corporeidade nos remete para os grandes temas antropológicos. Estudos estes que foram iniciados pelos gregos e continuam sendo realizados por

filósofos contemporâneos.

As colocações anteriores, nos conduziram a elaboração do capítulo que encerra nosso trabalho.

PROPONDO UM POSSÍVEL CAMINHO PARA A HUMANIZAÇÃO

Ao enfatizarmos e demonstrarmos uma preocupação referente a forma como o corpo foi e é compreendido no âmbito social e educacional, parece-nos aconselhável que, após tantas reflexões a respeito do sentido/significado destinados ao corpo, possamos orientar um caminho, que possibilite a superação do quadro atual. Somente desta forma, poderemos pensar o ser humano enquanto sujeito histórico, que a partir de sua ação concretiza sua existência no mundo.

Por sermos produtos da cultura que permeia nosso contexto, não podemos tentar ampliar ou modificar uma certa compreensão de corpo sem que os princípios e pressupostos que regem nossas ações sejam refletidos e se necessário, modificados. Para concretizarmos esta ação, temos que aproveitar a(s) compreensão(s) de corpo e ser humano como ponto de partida para reflexões em relação a nossa existência e possíveis transformações.

A contribuição da Educação Física neste sentido, não tem sido enfatizada pois a maioria de suas práticas tem reforçado a compreensão de corpo enquanto objeto/ mercadoria, basta observarmos as aulas e as formas de ação que são privilegiadas, mesmo que isto não seja uma questão clara e transparente. Ao limitarmos o movimento à técnica, regras pré-determinadas e condições físicas mínimas exigidas para a sua prática, estamos compactuando com a questão da exclusão e da competição. Além disto, reforçamos os padrões sociais que relegam nossos alunos a meros objetos de manipulação, desconsiderando seus limites individuais e suas capacidades de ação.

Desta maneira, a escola, de forma descontextualizada, prioriza o ensino para o momento, sem considerar o sentido/significado da aprendizagem para a vida de seus alunos.

Ao analisarmos a influência da escola sobre a corporeidade dos alunos, podemos concluir que esta possui como papel principal a disciplina e controle do corpo. Podemos facilmente observar isto através da estrutura física, onde os espaços são definidos em m² por aluno e a organização construída de maneira que facilite o controle dos mesmos, não possibilitando que falem alto ou que se movimentem em sala. E quando isto não é suficiente para controlá-los, utilizam-se dos regulamentos escolares, enquanto forma de coerção.

Desta forma, a escola enquanto uma das instituições de ensino, contribuiu e vem contribuindo para a reprodução deste quadro, mediante a transmissão dos

conteúdos, sem refletir o verdadeiro sentido/significado do mesmo para o contexto e a individualidade humana. Estamos cada vez mais condicionados a dependência, a submissão, compactuando com o sistema nas nossas formas de agir e na forma de compreender nossos semelhantes. Tal circunstância submete o homem a ações estereotipadas e sem significado, impossibilitando experiências e situações onde estes possam adquirir as capacidades e competências de ação que possam contrapor este sistema.

Entendemos que a realidade não pode se resumir a isto. A concepção de seres vivos enquanto sistemas dinâmicos, complexos e adaptativos abordada por Capra (1982), denegriu este modelo clássico de corpo e exigiu um novo repensar para esta questão.

Para este autor, os organismos vivos são sistemas auto-organizadores que exibem um alto grau de estabilidade, sendo esta profundamente dinâmica e caracterizada por flutuações contínuas, múltiplas e interdependentes que indicam o equilíbrio necessário aos ser humano.

Mediante esta forma de compreender o homem, não podemos mais admitir a realidade enquanto algo exterior a este, mas sim como uma interpretação da subjetividade inerente a cada ser humano. Tudo o que vimos, ouvimos, pensamos, falamos e a forma como agimos, são construções deste a partir de sua capacidade sensível, ou seja, a partir de sua percepção no/com o mundo.

É com entusiasmo, que nos referimos a um novo repensar como um primeiro passo possível para a superação do sentido/significado do corpo enquanto objeto. Pois entendemos que somente desta forma o homem poderá exercer sua capacidade de tomar decisões a partir de ações reflexivas.

Além disto, entendemos que este novo repensar será possibilitado em nossas aulas, no momento em que abordarmos os valores e experiências humanas no sentido de resgatarmos a sensibilidade do homem. Isto pode ser viabilizado no momento em que oportunizarmos a nossos alunos atividades que lhes proporcionem espaços de ação, sem esquecer entretanto de desenvolver experiências de movimento que também possibilitem situações do “APRENDER” através das quais nossos alunos possam adquirir competências necessárias para a vida: “competência objetiva, social e comunicativa” (Kunz, 1994). Procurando sempre que o aprender e o prazer estejam presentes nas atividades que desenvolvemos em nossas aulas.

Após todas as reflexões e possibilidades que nos permite este estudo, entendemos que a partir do momento em que compreendermos e respeitarmos o corpo enquanto algo que tem vida, vontade e ação própria e é particular a cada um, sem esquecer que somos parte de um todo, estaremos caminhando para o processo de humanização. Porém, é fundamental a existência do respeito e valorização do ser humano enquanto Ser Individual que se manifesta no social através de suas relações.

Sendo assim, a Educação Física como uma instância de formação do ser humano, tornar-se-á fundamental neste processo, no momento em que for desenvolvida de maneira que considere o movimento enquanto possibilitador das relações humanas e interações sociais, privilegiando o indivíduo como “ser-no-mundo”.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ASSMANN, Hugo. **Paradigmas Educacionais e Corporeidade**. Unimep: Piracicaba, 1993.

_____. **Metáforas (Novas) para Reencantar a Educação – epistemologia e didática**. Unimep: Piracicaba, 1996.

BERGER, R./LUCKMANN, T. **A construção Social da Racionalidade**. Vozes: Petrópolis, 1990.

BOCK, A et al. **Psicologias: Uma introdução ao estudo da Psicologia**. Saraiva, 1996.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. Cultrix: São Paulo, 1982.

CHAUÍ, M. **Convite a Filosofia**. Ática: São Paulo – SP, 1997.

ESCOBAR, O. M. **História Antiga da Educação Física**. Porto Alegre. Gráfica da Imprensa Oficial, 1958.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. Nova Fronteira e J.E.M.M. Editores, Ltda.: Rio de Janeiro, 1986.

GONÇALVES, M. A. **Sentir, Pensar, Agir - Corporeidade e Educação**. Papirus: Campinas – São Paulo, 1994.

GUEDES, C. M. **Corpo: Tradição, Valores, Possibilidades do Desvelar**. Dissertação de Mestrado. Campinas: São Paulo, 1995.

KUNZ, Elenor - **Transformação Didático-pedagógica do Esporte** - Unijuí - Ijuí - 1994.

KINESIS, Santa Maria, n.21, 1999.

- _____. Educação Física Escolar: seu desenvolvimento, problemas e propostas. In: **Anais do Seminário Brasileiro em “Pedagogia Do Esporte – Funções, tendências e Propostas para a Educação Física Escolar**. Santa Maria: Gráfica Universitária/UFSM, 1998, p. 114 a 119 .
- LANE, S.T.M./CODD, W. (org.) **Psicologia Social, o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MERLEAU – PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. UNIJUÍ. Ijuí, 1987.
- _____. **Educação Física Outros Caminhos**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1990.
- _____. **Educação Física: Temas Pedagógicos**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade/ESEF – UFRGS, 1992.
- _____. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Edições EST/ESEF-UFRGS. Porto Alegre, 1994.
- _____. O Espaço do Corpo na Pedagogia Escolar. In: **Anais do Seminário Brasileiro em “Pedagogia do Esporte – Funções, tendências e Propostas para a Educação Física Escolar**. Santa Maria: Gráfica Universitária/UFSM, 1998, p.157 a 172.
- TREBELS, A H. Plaidoyer para um dialogo entre as teorias do movimento humano e as teorias do movimento no esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. V.13/13, junho 1992: 338-344.

